

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL EM HOSPITAL PÚBLICO BRITÂNICO: APRENDIZADO CLÍNICO-CIRÚRGICO NO ROYAL FREE HOSPITAL

JENIFER TATIANA MÜLLER^{1;}

MARIA LAURA VIDAL CARRETT^{2;}

¹*Universidade Federal de Pelotas – jenifermuller01@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – mvcarret@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reúne atualmente 194 Estados-Membros, todos comprometidos com a promoção de melhores condições de saúde para a população mundial (OMS, 2025). Cada país, entretanto, adota um modelo próprio de organização de assistência, alguns inclusive servindo de inspiração para criação do Sistema Único de Saúde (SUS), como o *National Health Service* (NHS) do Reino Unido (LEAL; BRESCIANI; KUBO, 2023), além dos sistemas de saúde do Canadá e de Cuba (Santos & Melo, 2018). Esse panorama evidencia que não existe apenas uma forma correta de estruturar a atenção à saúde e que a troca de experiências entre diferentes modelos pode gerar importantes aprendizados.

A partir disso, é possível identificar que a vivência em outros contextos sanitários, especialmente por meio de estágios internacionais, é uma oportunidade enriquecedora para estudantes de medicina. Ao observar práticas assistenciais distintas e diferentes formas de organização dos serviços, o acadêmico amplia sua compreensão sobre saúde, desenvolve senso crítico e constrói uma formação mais global e comparativa.

Nesse sentido, em janeiro, uma estudante do 5º período do curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas realizou um intercâmbio clínico-cirúrgico de três semanas no departamento hepato-pancreato-biliar do Royal Free Hospital, instituição pública localizada em Londres, no Reino Unido. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é relatar essa experiência, ressaltando o aprendizado prático, as interações multiprofissionais e as percepções sobre as diferenças estruturais e organizacionais entre o NHS e o SUS.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A estudante do 5º semestre de Medicina sempre demonstrou interesse em realizar um intercâmbio e, ao descobrir a possibilidade de vivenciar essa experiência na área médica, ficou ainda mais empolgada. O processo iniciou-se com a definição do destino do estágio – Londres– seguida da busca por hospitais e serviços para os quais realizou a aplicação. Para a inscrição, foram necessários documentos em língua inglesa, entre eles: currículo, carta de recomendação elaborada por um médico (obtida com o apoio de uma professora que foi sua preceptora na UBS no 4º semestre) e uma carta de intenção, enviada em formato de e-mail. Após alguns dias das candidaturas, foram recebidas respostas positivas para estágios em quatro especialidades cirúrgicas distintas, em três hospitais renomados de Londres.

O estágio ocorreu durante as 3 semanas, onde participou da rotina hospitalar do departamento clínico-cirúrgico hepato-pancreato-biliar de segunda a sexta feira, com o objetivo de aprender com especialistas no assunto de uma área do seu interesse, além de poder desenvolver o inglês médico e conseguir enfrentar barreiras linguísticas.

Às terças-feiras, a estudante acompanhava pela manhã os rounds com os residentes, de modo que pôde observar a recuperação pós-operatória de pacientes fígado-transplantados e de outras grandes cirurgias, sempre sendo estimulada pelos residentes para colocar em prática seus conhecimentos teóricos referentes a enfermidade apresentada pelo paciente, além de receber explicações sobre conteúdos ainda não abordados na faculdade, o que tornou a passagem pelos rounds muito satisfatória e enriquecedora. À tarde, nas terças a estudante acompanhava um cirurgião preceptor nas consultas clínicas de pré e pós-operatório. Nessa rotina, a jovem pôde aprender como é realizada uma consulta pré-operatório, quais exames que devem ser solicitados, os cuidados necessários com os pacientes - especialmente oncológicos - incluindo a comunicação do diagnóstico, bem como os diversos esquemas terapêuticos que podem ser combinados, alinhando quimio e radioterapia ao procedimento cirúrgico em si, para o manejo da doença.

Nos demais dias da semana, a partir das 8 horas da manhã, a rotina se iniciava no bloco cirúrgico, onde ficava até o final da tarde. Durante a preparação do bloco, a estudante revisava a teoria do procedimento cirúrgico a ser realizado. Enquanto o paciente era levado ao bloco e o cirurgião ainda não estava presente, foi possível acompanhar o anestesista, que explicava o funcionamento dos aparelhos, as anestesias realizadas no paciente, a técnica para realizar acesso venoso central e a estimulava com perguntas teóricas simples. Durante o procedimento cirúrgico, a estudante teve a oportunidade de atuar como segunda auxiliar, desenvolvendo funções básicas durante a cirurgia, como segurar afastadores e estruturas, cortar fios e fechar a cicatriz cirúrgica com a ajuda de grampos específicos. Além de auxiliar na parte básica da cirurgia, o desenvolvimento do conhecimento da estudante era fortemente estimulado. A maneira como cada cirurgião ensinava era único, porém todos demonstravam muito interesse em fazer com que a estudante participasse e aprendesse. Alguns, por saberem que era a primeira vez da estudante no bloco cirúrgico, faziam uma descrição do procedimento quando possível, mostrando as estruturas e o que estava sendo realizado; outros combinavam explicações com perguntas teóricas relacionadas à técnica cirúrgica, à anatomia e à fisiopatologia da doença, favorecendo uma compreensão ampla da doença e do procedimento.

No bloco cirúrgico a estudante pôde observar diferentes cirurgias e técnicas como hemihepatectomias, tanto abertas quanto laparoscópias, pancreatectomias distais, pancreatoduodenectomias (cirurgia de Whipple), ressecções de nódulos hepáticos e colecistectomias. Mesmo quando alguns procedimentos se repetiam, cada cirurgia foi única: cada paciente e a forma como a doença se manifestava eram diferentes. As cirurgias observadas pela estudante eram diversas, variando desde menos de 10 minutos a mais de 9 horas, mas independente da duração, os médicos sempre atuaram como mentores ativos, com ótima didática, o que enriqueceu a experiência no hospital.

Como já comentado, o Royal Free é um hospital público, contudo, muito diferente do que a estudante havia visto nos hospitais públicos no Brasil. No NHS, mesmo em quartos compartilhados, os pacientes tinham três paredes de cortinas que proporcionavam maior privacidade para os pacientes, além de pequenas

televisões individuais, proporcionando maior conforto durante a internação. Outro aspecto que chamou a atenção foi o uso de computadores móveis por todos os profissionais de saúde do hospital - médicos, enfermeiros e outros- levados de leito em leito para registrar a evolução dos pacientes, otimizando tempo e evitando perda de informações, que poderiam ocorrer caso o registro fosse feito posteriormente, baseando-se apenas na memória do profissional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio proporcionou aprendizado técnico, com a primeira experiência com cirurgias complexas e em um hospital de grande porte e com alta demanda. O estágio também permitiu observar métodos de ensino variados, valorizando o ensino ativo e a integração entre os profissionais. A experiência também contribuiu para a compreensão de um distinto sistema de saúde, valorizando a integração, organização, tecnologia e o cuidado do paciente.

Em termos de formação acadêmica, o estágio ofereceu uma visão multiprofissional, aumento da confiança, compreensão de práticas cirúrgicas e também a possibilidade de aprimorar um novo idioma. Assim, a experiência internacional se mostrou extremamente relevante, promovendo reflexões sobre a prática médica, a importância do ensino ativo pelos professores e a atenção centrada no paciente.

Para além das questões acadêmicas, essa vivência foi a realização de um sonho e gerou um grande crescimento pessoal. Tratou-se da primeira viagem internacional, realizada sozinha, para um país culturalmente muito distinto do Brasil e sem possuir domínio completo do idioma, o que tornava tudo mais desafiador. Inicialmente, havia inseguranças, mas o intercâmbio não mostrou nenhuma experiência negativa, pelo contrário, cada desafio se tornou uma oportunidade de aprendizado. O período no exterior também permitiu aprimorar um idioma, conhecer uma nova cultura, fazer amizade com pessoas de diversas partes do mundo e, sobretudo, maior confiança pessoal. Essa experiência serviu de lição para entender que se esperar o momento perfeito, ele pode nunca chegar, o essencial é que o sonho seja sempre maior que o medo de errar ou de não dar certo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WHO. **Sobre a OMS**. World Health Organization, 2025. Acessado em: 22 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://www.who.int/pt/about>.

LEAL, Guilherme Arevalo; BRESCIANI, Luís Paulo; KUBO, Edson Keyso de Miranda. Institutional differences in Public Healthcare - a comparison between SUS from Brazil and NHS from UK. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 3, p. 1335–1361, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.3-023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/472> . Acesso em: 22 ago. 2025.

SANTOS, Joelma Cristina; MELO, Walter. Estudo de saúde comparada: os modelos de atenção primária em saúde no Brasil, Canadá e Cuba. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 79–98, jan./jun. 2018. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000100007 . Acesso em: 22 ago. 2025.